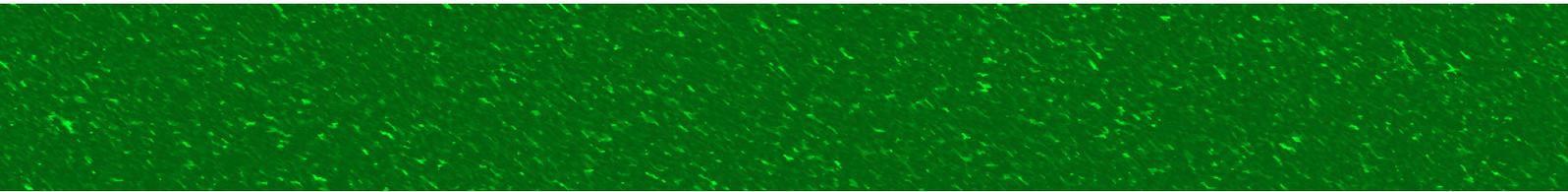


APRESENTAÇÃO



Apresentação

Fedra Rodriguez

Editora convidada

Vitor Alevato do Amaral

Editor convidado

O intelectual francês, Jean-Pierre Koch, retomando conceitos previamente postulados por Hannah Arendt e Pierre Francastel, afirmou em seu ensaio *Le travail de la référence* (2014, Académie de Strasbourg), que uma obra de arte jamais se esgota em seus sentidos e significados, por mais que se debata a seu respeito. Seguindo essa linha de pensamento, esta edição especial da *Qorpus* abre o espaço para que observemos sob diferentes perspectivas a reescritura, pela pluma de James Joyce, da *Odisseia* homérica, assim como outras intertextualidades. Mas também deixamos os caminhos livres para que outras criações de Joyce fossem estudadas, assim como suas adaptações, traduções e criações artísticas por elas inspiradas.

Embora a obra de Joyce seja pouco afeita a classificações, vimo-nos obrigados, por dever editorial, a dividir em grupos as contribuições selecionadas para este número. Para isso, mantivemos o padrão do número da *Qorpus* especial sobre Joyce que organizamos anteriormente (vol. 9, n. 3, dezembro de 2019) e usamos as categorias Ensaio, Artigos, Traduções, Resenha e Entrevistas, agora somadas a Depoimentos e Arte. Aquele número da revista reuniu os trabalhos apresentados durante o “I Workshop in Progress” do grupo de pesquisa Estudos Joyceanos no Brasil; este, por sua vez, é fruto da segunda edição do evento, ocorrido à distância entre 30 de junho e 2 de julho, com organização da Universidade Federal Fluminense.

Na seção **Ensaio**, o leitor encontrará o texto “How to Be the Sister of Famous Book”, de Carol Loeb Schloss, em que a pesquisadora criativamente reflete sobre como Lucia Joyce poderia ter lidado com os outros filhos de Joyce, as personagens que viviam na imaginação do escritor. Schloss descreve o modo como Molly e Milly Bloom, Stephen Dedalus e outras crianças “espectrais” ganharam o papel ora de “irmãos” ora de “duplos” da própria Lucia. Já em “Games Names Play: Translating Onomastic Comedy in *Ulysses*”, Patrick O’Neill descortina o modo como foram traduzidos, em diversas línguas, os nomes próprios presentes em *Ulisses*, ressaltando que a empreitada não é tão simples

quanto parece, pois não podemos nos esquecer da jocosidade embutida em muitos desses nomes. Como proceder, se é que existe um procedimento possível, para que esses “pequenos grandes” detalhes não se percam na tradução? Ou estamos diante da tão comentada e rebatida intraduzibilidade? E Tunico Amancio escreve joycianamente sobre *A alucinação de Ulysses*, adaptação cinematográfica do romance de Joyce feita por Joseph Strick em 1967. Seu ensaio “*Ulysses* na tela de Hemera, deusa da luz” é uma divertida e informativa análise da conhecida adaptação do romance, situando-a entre outras criações de Strick, o que nos apresenta uma parte pouco conhecida da obra do diretor.

A seção **Artigos** conta com o texto “James Clarence Mangan, heterônimo de James Joyce?”, do pesquisador Rangel Gomes de Andrade, que mergulha na fusão entre a poesia de James Clarence Mangan, sua melancolia e *spleen*, com a obra e talvez até com a personalidade de Joyce. Joyce teria incorporado em muitos momentos o sentimento de martírio de Mangan e dela extraído sua força criadora. Camilla Vilela-Jones, em “Censura e James Joyce: a publicação de *Ulisses* nos Estados Unidos e na Europa”, traça o histórico de recepção da obra joyciana, levando em consideração o tempo entre a data de publicação original e sua chegada a diversos países depois de uma longa saga contra a proibição devido às “obscenidades” presentes no texto. A autora também apresenta importantes aspectos da construção do mercado editorial no século XX a partir da experiência com *Ulisses*. Débora Zamarioli amalgama duas artes num só texto: dança e literatura. Ao adentrar na arte da bailarina Lucia Joyce, Zamarioli trata das formas de expressividade que levam ao deslocamento, às reinvenções, às circunvoluções que nascem quando palavra e movimento se fundem. Haveria alguma Ariadne capaz de dar-nos um fio condutor para não nos perdermos nesse labirinto. Ou devemos perder-nos nele? Em ““The battles behind the forehead”: pressupostos e efeitos do monólogo interior em *Ulysses*, de James Joyce”, Camila Peruchi trata da representação da subjetividade dos personagens na prosa joyciana, com foco na relação entre narrador e personagem. Ela discute a técnica do monólogo interior e o “princípio do tio Charles”. Henrique Xavier apresenta o projeto “*Ulisses* a dezoito vozes”, que consiste em uma tradução do romance por dezoito tradutores, cada um representando a alma gêmea de um capítulo. Essa proposta de uma tradução coletiva de *Ulisses* é a primeira no Brasil. Precisamos salientar, no entanto, que preferimos entendê-la como uma maneira criativa e inovadora de apresentar o romance de Joyce em língua portuguesa e não como forma de “evita[r] o problema da uniformização do romance” causado pelas traduções existentes em português, como sustenta o autor. Pedro Luís Sala Vieira trata da presença fragmentária de Shakespeare nas traduções de brasileiras de *Ulisses* em “A presença fragmentária de Shakespeare nas traduções brasi-

leiras de *Ulisses*, de James Joyce”. E Tarso do Amaral de Souza Cruz, em “‘Some trivial indication of city life’: Joyce’s Urban Poetics in *Stephen Hero*”, discute a ressignificação da cidade de Dublin pelos olhos de Stephen Deadalus no romance inacabado de Joyce. Para o autor, trata-se de um traço de *Stephen Hero* que vai ter consequências em toda a obra posterior de Joyce.

Para a seção **Traduções**, Tarso do Amaral de Souza Cruz nos traz “O centenário de Charles Dickens”, o ensaio escrito por Joyce durante sua estadia em Trieste. Nele, Joyce ressalta o peso de Dickens para a literatura de língua inglesa, sem deixar à parte os temas recorrentes, tais como Shakespeare, o poder do Reino Unido e sua preponderância sobre outras nações e o papel das urbes na construção de diversas produções literárias. Juan Díaz Victoria discute três versões do parágrafo final de “Anna Livia Plurabelle” – em inglês, francês e italiano, todas elas com a participação de Joyce – e ao final apresenta sua proposta de tradução do início do referido capítulo. Karine Simoni e Vitor Alevato do Amaral apresentam a tradução das cartas trocadas em italiano entre Joyce e o escritor triestino Italo Svevo. “Joyce e Svevo: cartas de uma amizade em italiano” demonstra a relação de amizade entre os dois, que se conheceram na condição de professor de inglês e aluno.

A **Resenha** deste número é de Luísa L. S. de Freitas, que nos apresenta *James Joyce’s Ulysses: Navigation It’s All About* (Voar, 2021), do engenheiro e navegador Décio Slomp. Luísa destaca o trabalho de Décio, que reúne as referências marítimas de *Ulisses* em um livro bastante ilustrado que resulta da paixão de seu autor pela navegação. Além dos termos náuticos, o livro nos ajuda a navegar pelo vocabulário da geografia, física e astronomia. Luísa também contribui para a seção **Entrevistas**, apresentando o resultado de sua conversa *online* (era tempo de Covid-19) com Décio. Assim, conhecemos o trabalho do autor que entrelaçou sua experiência de navegador à paixão pelo *Ulisses* joyciano. Já a entrevista que Luis Henrique Garcia Ferreira fez com Hervé Michel, o responsável pelas duas últimas traduções integrais de *Finnegans Wake* para o francês, revela a trajetória do entrevistado como tradutor e a forma como se aproximou da complexa obra do escritor irlandês, resultando em uma publicação online sob o título de *Veillée Pinouilles*.

Na seção **Depoimentos**, Marcelo Zabaloy, tradutor argentino de textos joycianos ao espanhol, explica os caminhos seguidos e as decisões tomadas para traduzir *Ulisses* de forma lipogramática, isto é, excluindo da tradução o uso da letra “A”. Assim, na trilha dos intelectuais franceses do OuLiPo, Zabaloy aceitou o desafio de traduzir *Ulysses* como *Odiseo*. A tarefa lhe exigiu um peculiar jogo linguístico e a criação de variadas estratégias para que essa tarefa seja cumprida. Por sua vez, Marija Girevska revela os

recursos utilizados para traduzir *Ulisses* ao cirílico e ao macedônio, entre eles, a leitura e releitura em voz alta, a organização das peças do intrincado quebra-cabeças tradutório e até a condução de um processo de metamorfose da obra. Girevska nos faz refletir como leitores e tradutores, colocando-nos em ambas as frentes e destacando o que essas duas posições carregam consigo. Já Caetano Galindo fala de sua relação com *Ulysses*, iniciada mais de vinte anos atrás, e de como desde então ele deixou de pensar na obra. Ele também comenta a pergunta que ouve com frequência: “Quantas vezes você leu *Ulysses*?”, afirmando que não pode responder a essa pergunta matematicamente, mas que a tradução de um livro como esse demanda mais leituras do que o normal.

Em **Arte**, o premiado poeta e contista Jim Ward apresenta “Bicycle Duty”, conto cujos personagens são James, Nora, o filho Georgio e o neto Stephen em uma viagem repleta de baldeações que refletem os périplos familiares e as emoções e vivências deixadas pelo caminho. Ainda na mesma seção, temos o trabalho da artista e pesquisadora Ana de Ferro, que resultou numa comunicação performativa recheada de calembures intencionais (que também poderiam ser chamados de “carambolages” propositais) em texto escrito e narrada em vídeo no YouTube com a voz da própria criadora e algumas participações especiais.

A *Qorpus* tenta mostrar, nesta edição, “a gradação das cores em diversas zonas” da literatura do mestre irlandês, a capacidade joyciana de “dissolver e manter em solução todas as substâncias solúveis” e a “inquietação de suas ondas” nas quais leitores e tradutores tentam navegar.

Que venham todos a bordo! E boa leitura!